



REPRESENTAÇÕES DE JUVENTUDE NO DORAMA: HELLO, MY TWENTIES!

Justina Bechi Robaski¹
Carin Klein²

Resumo

As reflexões deste artigo se constituem a partir de um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em andamento. A pesquisa se insere no campo dos Estudos Culturais e Estudos de Gênero e se alia a crítica pós-estruturalista. Neste trabalho, apresentamos análises preliminares de uma problematização mais ampla, sobre as representações de juventude em um artefato cultural contemporâneo da mídia, uma produção da Coreia do Sul, o drama *Hello, My Twenties*. O seriado vincula-se a outros locais da cultura que são envolvidos nessa constituição, evidenciando a polissemia de sentidos em torno das formas de viver as juventudes inseridas em uma sociedade globalizada. Neste cenário, as mídias são tomadas como um espaço potente, ao veicular e instituir sentidos para a juventude contemporânea.

Palavras-chave: Juventude. Estudos Culturais. Gênero. Hello, My Twenties.

Introdução

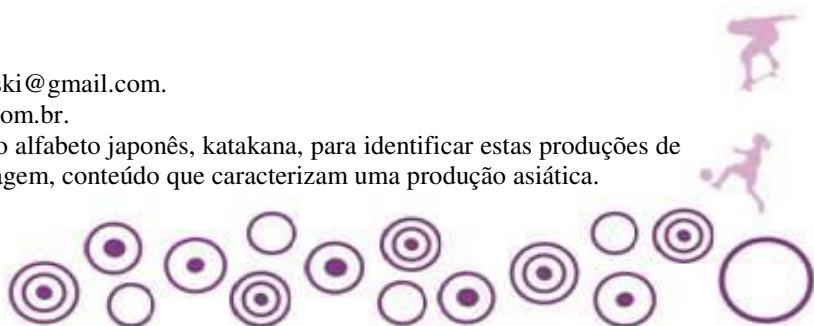
As reflexões deste artigo se constituem a partir de um recorte de uma pesquisa de dissertação de mestrado em andamento, com o propósito de refletir sobre algumas aproximações e estranhamentos iniciais dos/as jovens consumidores de entretenimento e expressões culturais da Coreia do Sul. Neste processo tomamos para a realização da análise, um artefato veiculado na *Netflix*, o drama³ *Hello, My Twenties!*. Após superarmos o estranhamento do idioma, pelo suporte da legenda, compreendemos que há palavras, expressões sem tradução, que necessitam de inserção nessa cultura para entendê-las.

Canizo (2008) explica que durante muito tempo, o ocidente investiu numa imagem do oriente ao criar “[...] mundos a partir de estereótipos que servissem à conservação e afirmação dos valores ocidentais” (p. 191). A aproximação com o que consideramos desconhecido ou estranho a nós e que é apresentado nestes dramas, desafia-nos a compreender e desconstruir noções que dizem respeito, tanto a uma juventude unificada, como a pensamentos que tomam o “[...] Extremo Oriente dentro da face relacionada com o exotismo e a obscuridade”(CANIZO, 2008, p. 191).

¹ Mestranda em Educação, ULBRA, justina.robaski@gmail.com.

² Doutora em Educação, ULBRA, carink@terra.com.br.

³ Drama é uma tradução da palavra drama para o alfabeto japonês, katakana, para identificar estas produções de dramas produzidos na Ásia. Com regras de linguagem, conteúdo que caracterizam uma produção asiática.





Referencial teórico-metodológico

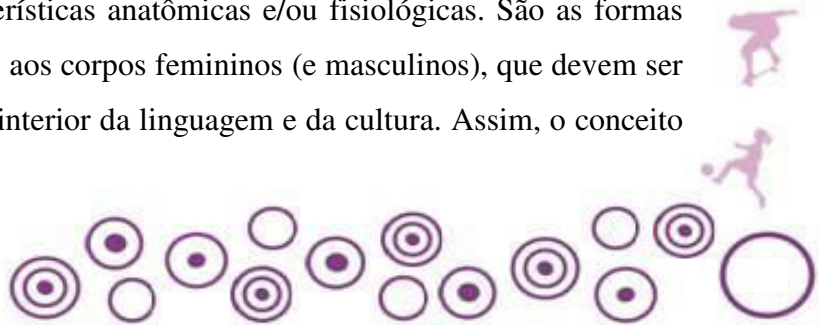
Ao nos inscrevermos na perspectiva teórica dos Estudos Culturais e de Gênero que se aliam a autores/as pós-estruturalistas, tomamos a cultura como um local privilegiado para a inscrição e compartilhamento de significados para o social. A produção de sentidos acerca de um determinado tema, como a juventude, ocorre em diferentes instâncias educativas, no interior dos sistemas de representação, bem como na organização e na regulação das condutas humanas. Nesse sentido, vale dizer que a representação é uma das práticas centrais da produção da cultura (HALL, 2016).


A representação está relacionada com o caráter produtivo da linguagem. Através da linguagem e dos sentidos que ela produz que circulam conceitos, sentimentos e compreensões sobre as práticas sociais. Segundo Silva (2014), o conceito de representação tem ocupado um lugar central na “teorização contemporânea sobre identidade [e a diferença] e nos movimentos ligados à identidade” (SILVA, 2014, p. 91).

Partimos do argumento que os/as jovens atravessam fronteiras, interligados e conectados por processos culturais complexos, pluralizados e desiguais que envolvem as dimensões econômicas, de consumo e da globalização e, em grande medida, intermediadas pelas mídias. A vida social torna-se atravessada pelo mercado global, promovendo tensões “entre o ‘global’ e o ‘local’ na transformação da identidade” (HALL, 2002, p. 76).

Diante do complexo processo de produção da identidade, nos valem dos conceitos de gênero e sexualidade, para pensarmos nas lutas por imposição de sentidos, nas tentativas de fixar e/ou de desestabilizar representações de juventude. Segundo Louro (2011), podemos compreender que por meio dos “[...] arranjos sociais, na história, nas condições de acesso aos recursos da sociedade, nas formas e representação” (p. 26) algumas das engrenagens para produção das des/igualdades sociais são formuladas, explicadas e justificadas tomando como base as diferenças biológicas. Desse modo, tanto o gênero, como a sexualidade devem ser tomados em sua pluralidade e contingência “[...] acentuando que os projetos e as representações sobre mulheres e homens são diversos” plurais e polissêmicos (LOURO, 2011, p. 27).

Meyer (2013) ressalta que as principais lutas dos movimentos feministas se alicerçaram na discussão de que as desigualdades de gênero não podem colar-se, tampouco serem justificadas, com base nas características anatômicas e/ou fisiológicas. São as formas de representar, valorar e atribuir sentidos aos corpos femininos (e masculinos), que devem ser alvo de atenção (e de desconstrução) no interior da linguagem e da cultura. Assim, o conceito





de gênero pretende romper com explicações calcadas em determinismos biológicos e que buscam fixar determinadas habilidades, atitudes e sentimentos justificando/relacionando aos corpos. Assim, as diferenças e desigualdades de gênero são significadas/permeadas pela cultural.

Seguimos Meyer (2013) ao nos filiar-mos as teorizações de gênero, a fim de ampliamos a compreensão dos espaços educativos que tem atuado na constituição de quem nos tornamos. Com isso, dizemos que a educação ocorre além dos locais tradicionalmente educativos (escola e família), incluindo-se as mídias sociais, as comunidades virtuais, etc. no interior dos quais aprendemos a nos reconhecer (ou não), enquanto mulheres e homens de determinados tipos. Isso não significa negar a materialidade dos corpos, mas pensar que é na cultura e por meio dos processos de significação que os sujeitos se tornam masculinos e femininos.


A metodologia de análise se alinha a proposta metodológica da etnografia de tela. Processo que incorpora e emprega procedimentos da etnográfica, dos estudos da mídia, aliada às ferramentas da crítica cinematográfica, para realizar a escolha das cenas para a realização das análises (BALESTRIN e SOARES, 2012). Nesta perspectiva, o desafio está em familiarizar-se com o estranho e estranhar o que tomamos como comum. No processo etnográfico a proposta está no contato direto e prolongado do/a pesquisador/a com a local (tela), o grupo a ser analisado (produção midiática) e o registro das interpretações e impressões do/a pesquisador/a em um caderno de campo (BALESTRIN e SOARES, 2012, p. 93). Este recurso converte-se em um documento, para além do registro das impressões, informações e registros dos eventos, mas assume um instrumento importante de reflexão (DAMICO e KLEIN, 2012).

Conhecendo o artefato e o local de sua produção

Inicialmente buscamos estabelecer algumas referências, desafiadas a conhecer minimamente, o que é nomeado como Extremo Oriente, *locus* de produção do artefato cultural examinado. Logo percebemos a necessidade de transpormos algumas barreiras para entendermos como o *Hallyu*, termo criado pela imprensa chinesa na década de 90, para a popularidade da cultura popular coreana fora da Coreia do Sul, se estabelece, interpela os sujeitos e avança, a partir de investimentos governamentais, no que convencionamos como ocidente.

A estratégia utilizada pela Coreia do Sul tem como elemento central a busca pela “[...] construção de uma aparência e sensação asiática cosmopolita no conteúdo cultural produzido, [...] investindo em elementos genéricos e estratégias de hibridização”. O pop sul-coreano se





apresenta, nesse contexto, como uma alternativa de consumo, gerando uma “[...] sensação de familiaridade e proximidade cultural, sendo apenas ocidentalizado o suficiente para mediar informações do Ocidente para a Ásia”. Vale dizer que, enquanto o Japão investiu na construção de uma “niponicidade”,⁴ a Coreia do Sul tem apostado em uma estratégia que permite a circulação de seus produtos, atingindo o mercado global (URBANO e ALBUQUERQUE, 2015, p. 260).

O dorama e as possibilidades de análise

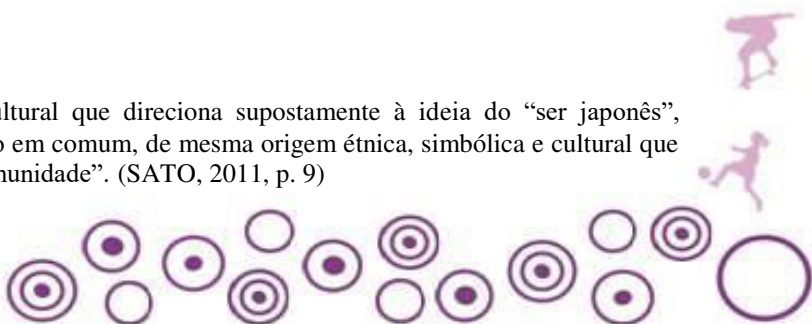
Olhar para este artefato torna-se uma possibilidade de pensar, sobre e a partir do dorama, sobre os modos de ser e de estar em uma cultura, atravessadas por outras culturas. Abrir-se a possibilidade, intermediada pela análise da etnografia de tela/cena, de refletir e aprofundar sobre a constituição da juventude contemporânea, a partir do conceito de gênero, torna-se um dos nossos objetivos centrais neste momento.

Hello, My Twenties tem como enredo a convivência de cinco jovens, com personalidades e metas de vida bastante diferentes. O relacionamento entre elas, elas e seus companheiros e/ou amigos/as se estabelecem de formas distintas. Trata-se de um dorama envolvendo relacionamentos afetivos e resolução de conflitos que estruturam interações e relações. Relações que são construídas em um local cujo nome chama-se *Belle Epoque*.

Cabe salientar que a sugestão deste nome, *Belle Epoque*, remete ao final do século XIX, na França. Um momento retratado pela ausência de grandes conflitos, marcado principalmente por descobertas científicas e tecnológicas, assim como, por melhorias de serviços à população, ampliação de espaços culturais, de entretenimento e embelezamentos dos espaços públicos. Evoca-se um momento histórico marcado pela aristocracia e a exibição de trajes elegantes, regras para o embelezamento e a produção de uma estética.

As mulheres burguesas deste período alcançaram avanços no acesso à escolarização, sua a posição social lhes permitia tempo e acesso a livros e jornais, os entretenimentos mais acessíveis. No interior deste processo, segundo Gabrielle Houbre (2002), as romancistas utilizaram suas narrativas para problematizar o investimento na vida privada (amor, casamento, maternidade) e o engajamento a uma vida profissional valorizadora (jornalismo, medicina, direito, etc.), temas que geralmente abordavam, fazendo críticas e afirmando

⁴ “[...] refere-se ao imaginário de construto cultural que direciona supostamente à ideia do “ser japonês”, sobretudo na edificação discursiva de um passado em comum, de mesma origem étnica, simbólica e cultural que devem ser compartilhados e perpetuados pela comunidade”. (SATO, 2011, p. 9)



posicionamentos, tensões sobre o teor habitual dos relacionamentos amorosos, das hierarquias sociais e da organização das relações familiares.


A partir destas referências, traçamos algumas reflexões sobre a produção de sentidos acerca da locação utilizada para apresentar as narrativas juvenis. Primeiramente, tal como nos romances do período da *Belle Epoque*, apresenta-se uma narrativa que nos permite refletir sobre as relações das mulheres na contemporaneidade. Segundo, o ambiente/residência torna-se um espaço de circulação e produção de representações de juventudes (supostamente) livres, com tempo para desfrutar de seus interesses, aparentemente isento das obrigações financeiras, constituindo-se, fundamentalmente, em um tempo dedicado à formação, ao lazer e a cultura, adiando os rituais vinculados ao que tomamos como maturidade social: casamento e trabalho. Esta residência também serve de cenário para representar a juventude marcada por conflitos existenciais e dilemas nas relações com seus pares, ao mesmo tempo em que também investe para representá-la como saudável, inquieta, bela e magra. A seguir, faremos uso de uma imagem como recurso à análise:



Figura 1 - As protagonistas

Fonte: < <http://tv.jtbc.joins.com/photo/pr10010422/pm10035649/detail/8247>>. Acesso em: 17 jul. 2017

A imagem serve como um recurso para apresentação das jovens protagonistas. A imagem apresenta um enquadramento para cada jovem, que assume características, preferências e gostos, diferenciando-as, mas tendo como imperativos a beleza e a magreza, atributos que parecem necessários e constituidores de um feminino idealizado. A primeira personagem (da direita para a esquerda) é Jung Ye Eun que parece representar uma feminilidade delicada, uma vez que o seu cenário é montado com cores suaves e claras. A

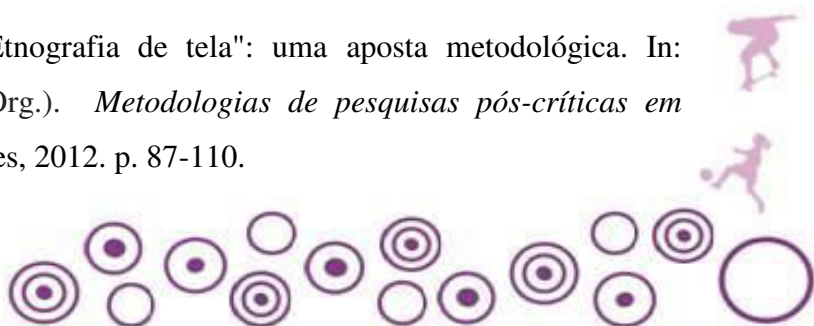


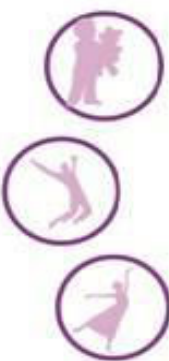
definição de um corpo belo e esguio precisa ser marcada também por meio dos objetos de ginástica, corda de pular e pesos, objetos que ostenta em uma das mãos e, em sua volta, produtos de embelezamento, prancha modeladora, esmaltes e sapatos de salto alto. A segunda é Song Ji Won representada como uma jovem extrovertida, “dona” de um comportamento descontraído, com uma perna sobre a Jung Ye Eun, sorri de forma maliciosa, dá uma piscada de olho e come sua banana. Em seu enquadramento há vários livros, mas sobre os travesseiros, próximo a sua cabeça, pode-se ver uma revista que ostenta a imagem de um jovem com músculos bem definidos, vestido apenas por uma sunga. No cenário é a única imagem de um homem, presente através de uma revista, visível e escondida ao mesmo tempo, assim como parece ser a sexualidade daquelas jovens. A terceira é a Yoo Eun Jae, representada como a mais introvertida e contida delas, com feição séria, quase assustada, parecendo isolar-se com o auxílio de fones de ouvido. É apresentada cercada por livros, frutas, pote de doce e um grande urso de pelúcia, remetendo e mantendo presentes alguns símbolos e sentidos da infância. A quarta integrante é a Kang Yi Na, representada de forma sensual, olhar provocativo, roupas justas e coladas ao corpo magro. Deitada sobre um colchonete, evidenciamos objetos que remetem e confirmam interesses mais ligados a beleza, pesos de ginástica, sapatos de salto e bolsas variadas. A última é a Yoon Jin Myung, representada em meio a bebidas, uma vez que segura uma lata e há presença de outras a sua volta. Repousa seus pés sustentados por travesseiros, remetendo ao relaxamento, após a fadiga de uma diversidade de compromissos, referenciados pelos inúmeros lembretes presentes no cenário, comportamentos e sentidos que usualmente vinculam-se ao masculino.

Partimos do argumento de que as imagens e cenas deste dorama carregam representações de juventudes e de feminilidades diversas, vinculadas a padrões estéticos de beleza e magreza, assumindo posições que vão da recatada, a sedutora, permeadas também por aquelas mais infantis, descoladas, desligadas, etc. Para isso, fazem uso de recursos/símbolos de uma cultura (nem tão oriental assim) que as vincula a bebida, ao cuidado com o corpo, a descontração e aos estudos. Nesta direção, seguimos as análises das representações de juventude colocadas em circulação neste dorama, abordando as possíveis des/continuidades nas formas de representar e viver as juventudes contemporâneas.

Referências:

BALESTRIN, P. A.; SOARES, R. "Etnografia de tela": uma aposta metodológica. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. A. (Org.). *Metodologias de pesquisas pós-críticas em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 87-110.





CANIZO, M. O Extremo Oriente idealizado: orientalismos no cinema. In: GREINER, C.; FERNANDES, M. (Org.). *Tokyogaqui: um Japão imaginado*. São Paulo: Edições SESC SP, 2008. p. 188-208.

KLEIN, C. DAMICO, J. G. O uso da etnografia pós-moderna para a investigação de políticas públicas de inclusão social. In: MEYER, D. E.; PARAÍSO, M. (Orgs.). *Metodologias de pesquisas pós-crítica em educação*. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2012. p. 63-86.

HALL, S. *A identidade cultural na pós-modernidade*. 7ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2002.

HALL, S. *Cultura e Representação*. Rio de Janeiro: PUC-Rio: Apicuri, 2016.

HOUBRE, G. A Belle Époque das romancistas. *Revista Estudos Feministas*, Florianópolis, v. 10, n. 2, p. 325-338, jan. 2002.

LOURO, G. L. *Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista*. 13ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2011.

MEYER, D. E. Gênero e educação: teoria e política. In: LOURO, G. L.; FELIPE, J.; GOELLNER, S. V. (Orgs.). *Corpo, gênero e sexualidade: um debate contemporâneo na educação*. 9ª. ed. Petrópolis: Vozes, 2013. p. 11-29.

SATO, Á. J. Undokai: a construção da identidade étnico-cultural em torno da niponicidade. *Anais do XXVI Simpósio Nacional de História – ANPUH*, São Paulo, Julho 2011. p. 01-13.

SILVA, T. T. A produção social da identidade e da diferença. In: SILVA, T. T. (Org.). *Identidade e diferença: a perspectiva dos estudos culturais*. Rio de Janeiro: Vozes, 2014. p. 73-102.

URBANO, K. C. L.; ALBUQUERQUE, A. Cultura pop e política na nova ordem global: lições do Extremo-Oriente. In: SÁ, S. P.; CARREIRO; FERRAZ, R. (Org.). *Cultura pop*. Salvador: EDUFBA; Brasília: Compós, 2015. p. 247, 268.





UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE - FURG

Catálogo na Publicação:

Bibliotecária Simone Godinho Maisonave – CRB -10/1733

S471a Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade (7. : 2018 : Rio Grande, RS)

Anais eletrônicos do VII Seminário Corpo, Gênero e Sexualidade, do III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade e do III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade [recurso eletrônico] / organizadoras, Paula Regina Costa Ribeiro... [et al.] – Rio Grande : Ed. da FURG, 2018.

PDF

Disponível em: <http://www.7seminario.furg.br/>

<http://www.seminariocorpogenerosexualidade.furg.br/>

ISBN:978-85-7566-547-3

1. Educação sexual - Seminário 2. Corpo. 3. Gênero 4. Sexualidade I. Ribeiro, Paula Regina Costa, org. [et al.] II. Título III. Título: III Seminário Internacional Corpo, Gênero e Sexualidade. IV. Título: III Luso-Brasileiro Educação em Sexualidade, Gênero, Saúde e Sustentabilidade.

CDU 37:613.88

Capa e Projeto Gráfico: Thomas de Aguiar de Oliveira
Diagramação: Thomas de Aguiar de Oliveira

